

PELO PÃO DE CADA DIA: MULHERES MEDIEVAIS, TRABALHO E ENSINO DE HISTÓRIA

Mariana Bonat Trevisan

Doutora em História (PPGH- UFF)

Professora do Centro Universitário Internacional UNINTER

E-mail: mari_bonat@yahoo.com.br

Douglas Mota Xavier de Lima

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Professor Adjunto da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

E-mail: douglas.mx1@ufopa.edu.br

Resumo

O Ensino de História Medieval na Educação Básica constitui um contributo importante para a formação dos jovens estudantes em termos de conhecimento, ética e cidadania. As questões relativas ao trabalho, sua precarização, a participação e dificuldades enfrentadas por mulheres das camadas populares no mundo laboral são pontos que necessitam ainda de grande problematização e reflexão no presente e que também precisam ser analisadas em outros contextos temporais e espaciais, tendo sua abordagem iniciada ainda no nível Fundamental no contexto escolar. Nesse sentido, propomos uma discussão sobre as mulheres e o trabalho na sociedade medieval, bem como buscamos fornecer propostas de atividades didáticas sobre a temática, voltadas para o Ensino Fundamental II. Buscamos assim, a promoção e a visibilidade da contribuição das mulheres na história, bem como a difusão de imagens não-discriminatórias e não-estereotipadas das mulheres. Para tal, concentramos a problematização na Europa medieval, especialmente entre os séculos XIII e XVI, conteúdo previsto pela BNCC para o 6º ano do Ensino Fundamental, explorando diferentes representações iconográficas e textuais acerca do trabalho feminino no período.

Palavras-chave: Trabalho na Idade Média. Mulheres. Ensino de História.

FOR THE DAILY BREAD: MEDIEVAL WOMEN, LABOR AND HISTORY TEACHING

Mariana Bonat Trevisan

Doutora em História (PPGH- UFF)

Centro Universitário Campos de Andrade, UNINTER Educacional SA

E-mail: mari_bonat@yahoo.com.br

Douglas Mota Xavier de Lima

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Professor Adjunto da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

E-mail: douglas.mx1@ufopa.edu.br

Abstract

Teaching Medieval History in Basic Education can be an important contribution to the training of young students in terms of knowledge, ethics and citizenship. The issues related to work, its precariousness, the participation and difficulties faced by women from the lower classes in the working world are points that still need great problematization and reflection in the present and that also need to be analysed in other temporal and spatial contexts, having their approach started at the Elementary level in the school context. In this sense, we propose a discussion about women and labour in medieval society, as well as two proposals for didactic activities on the subject, aimed at Elementary School II. Thus, we seek the promotion and visibility of the contribution of women in history, as well as the dissemination of non-discriminatory and non-stereotyped images of women. To this end, we focus the problematization on medieval Europe, especially between the 13th and 16th centuries, content provided by the BNCC for the 6th year of Elementary School, exploring different iconographic and textual representations about female labour in the period.

Keywords: Labour in the Middle Ages; Women; History teaching.

*Tô cansada, tô debilitada
tive que ralar depois do expediente
matutamos, discutimos, planejamos pra solucionar
uma questão pendente
Já cansados e famintos fomos "prum" bistrô
Mas o problema no jantar continuou
(...)
Depois de uma ducha morna
Quero cair nos seus braços
Pra ficar aliviada desse meu cansaço
Após boa madorna, vou me enternecer
Pra ficar até domingo grudadinha em você.
(Amanhã é sábado, Martinho da Vila, 2015)*

O compositor Martinho da Vila, consagrado no mundo do samba, notabilizou-se por compor uma série de canções que retratam a vida boêmia masculina por vezes escudada por mulheres zelosas e domésticas, como a célebre canção “Disritmia”, do aclamado álbum *Canta, canta minha gente*, de 1974. Na música, o poeta narra a chegada ao lar do nego boêmio que, destilando elogios, roga à sua amada que o cure do porre. Quatro décadas depois, em 2015, após uma encomenda da cantora Roberta Sá para o álbum *Delírio*, o poeta viu-se diante do desafio de compor uma canção que expressasse outra realidade social, a mulher que trabalha fora do lar e chega em casa exausta aguardando o aconchego do amado. O resultado foi a canção “Amanhã é sábado”, uma composição que, como assinala Martinho da Vila, dá voz a mulher do nego que chegou em casa de porre em “Disritmia”.

O tom íntimo e cadenciado da música lança luz sobre questões de suma importância na atualidade, posto que dar voz às mulheres, garantir a visibilidade feminina, combater a violência, a desigualdade de gênero e o feminicídio etc., são algumas pautas que urgem na sociedade brasileira do século XXI. De acordo com as estatísticas de gênero divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2021, mesmo com a crescente participação feminina no mercado de trabalho, as mulheres trabalham mais horas por semana comparado aos homens e permanecem com rendimentos inferiores. Ademais, os dados do Atlas da violência 2021, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), demonstram que entre 2009 e 2019, 50.056 mulheres foram assassinadas no Brasil. Os índices alarmantes da violência contra a mulher, associados ao significativo corpo de leis elaborado nas últimas décadas que tipifica e defende a integridade feminina, evidencia que a legislação, por si só, não tem poder de transformar a realidade. Assim,

como afirma Scarance (2019, p. 28): “Para mudar a realidade é preciso informar, acolher e acreditar, pois a proteção da mulher é o principal remédio para essa doença que assola nosso país: o generocídio de mulheres e meninas”.

A educação e o ambiente escolar ocupam um papel de destaque na construção de princípios éticos, como o respeito à diversidade e o combate à violência de qualquer natureza, entre elas a violência contra a mulher. Nesse intuito, em 2019, foi sancionada a Lei 14.164, que altera a LDB e inclui na educação básica conteúdos relativos à prevenção de todas as formas de violência contra a mulher, estabelecendo ainda a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher em instituições públicas e particulares do ensino básico. Do mesmo modo, a educação também é fundamental para a valorização da mulher e a promoção da visibilidade feminina na sociedade e as políticas públicas têm incorporado ações afirmativas nesse sentido.

Essa pauta mostra-se, por exemplo, nos livros didáticos.

Tradicionalmente, os manuais escolares caracterizaram-se por disseminar ideias e preconceitos, associando as mulheres a poucas atividades sociais e profissionais e atribuindo o espaço doméstico como lugar natural das mulheres, ao passo que representavam os homens num amplo escopo de realizações e atividades. (SOARES, 2004) Para mudar tal cenário o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem gradativamente assumido a questão, definindo como um dos objetivos do programa a valorização da mulher e o combate ao feminicídio. (CAIMI, 2017) Na mesma perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), particularmente no componente curricular História, reafirma a pauta ao estabelecer como habilidades do Ensino Fundamental “(EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais” e “(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas”.

Não obstante, mesmo com os dispositivos legais, os estudos sobre livros didáticos de História têm demonstrado a dificuldade de os manuais escolares interagirem com a temática de gênero, definindo papéis normativos aos sujeitos históricos, geralmente deslocados de uma análise contextual, e construindo lugares permitidos à aparição feminina na história, espaços sempre estreitos e genéricos. (MISTURA, CAIMI, 2015; SILVEIRA, 2017) A publicação dos

primeiros livros didáticos do Ensino Fundamental sob a égide da BNCC não demonstra alteração da abordagem acerca das mulheres (LIMA, 2021), sinalizando a permanência dos desafios na temática.

Diante do exposto e do mote do dossiê “A História Medieval na formação docente e na educação básica: experiências, propostas e reflexões atuais”, que versa particularmente sobre a história das mulheres na formação de professores e na educação básica, o presente artigo discute o trabalho feminino na sociedade medieval e propõe atividades didáticas sobre o tema para o Ensino Fundamental II. O artigo tem o objetivo de promover a visibilidade da contribuição das mulheres na história e difundir imagens não-discriminatórias e não-estereotipadas das mulheres. Para tal, concentra-se na Europa medieval, especialmente entre os séculos XIII e XVI, conteúdo previsto pela BNCC para o 6º ano do Ensino Fundamental, explorando diferentes representações iconográficas e textuais acerca do trabalho feminino no período.

As mulheres e o trabalho na sociedade medieval

O medievo considerou o homem como padrão humano universal e os historiadores ao longo do tempo tenderam a ecoar tais proposições medievais, ofuscando a presença e a atuação das mulheres no período. No entanto, atualmente os estudos têm demonstrado que a ideia de vazio em relação aos registros femininos é equivocada, colocando em evidência a produção intelectual feminina em diferentes contextos e períodos medievais. (BENNET, KARRAS, 2013) Como asseveram Brochado e Deplagne (2018), a partir das grandes bibliotecas do mundo ocidental registros femininos antes ignorados vêm sendo destacados, atestando a autoridade de mulheres em campos como a teologia, a medicina e a literatura.

Para além dos círculos intelectuais e letrados, as mulheres participavam ativamente das atividades econômicas nas sociedades pré-industriais, atuando no artesanato, na produção agrícola e no comércio. Deste modo, em vez de perceber a sociedade medieval por meio de uma divisão do trabalho rigidamente dividida pelo gênero, com os homens destinados ao trabalho assalariado realizado no espaço externo e público e as mulheres aos serviços domésticos e privados – modelo aristocrático preconizado desde a Grécia Antiga e que foi retomado pelo humanismo renascentista e generalizado com a industrialização –, convém considerar a diversidade de atividades desempenhadas pelas mulheres no medievo. Como afirma Macedo (2002, p. 40): “Quando solteiras, as moças pobres ajudavam os pais; casadas,

ajudavam os maridos; viúvas, trabalhavam por conta própria para sobreviver”. Assim, fora das famílias aristocráticas, era comum que todos os membros contribuíssem com atividades produtivas, com as mulheres atuando destacadamente no trabalho têxtil, no artesanato, no comércio alimentar e nas atividades agrícolas.

De acordo com Claudia Opitz (1993), a economia da Alta Idade Média é impensável sem a participação das mulheres, especialmente no trabalho agrícola, contudo, tal presença acentuou-se a partir do século XII com o desenvolvimento da vida urbana na Europa, que implicou em enormes mudanças na organização do trabalho e afetou, em particular, o trabalho feminino. Pode-se afirmar que a pressão demográfica do período permitiu uma maior divisão e especialização do trabalho, assim como intensificou a mobilidade dos indivíduos, gerando efeitos que se consumaram, principalmente, nas cidades medievais. Elas tornaram-se grandes canteiros de obras, o que fez dos estaleiros de construção (de catedrais, igrejas, edifícios, pontes, celeiros, mercados, casas, muralhas etc.) o centro da indústria medieval, e impulsionaram o comércio de alimentos, tanto dos produtos do grande comércio (grãos, sal e vinho), como do comércio local de pequena escala (pães, verduras, legumes, carne e pescados). Em ambos os cenários a mulher esteve presente como força de trabalho. Outra mudança significativa do período foi a maior possibilidade de muitos homens e mulheres se casarem, fazendo do casal o núcleo da nova organização da atividade econômica urbana, que, de certo modo, substituiu a antiga economia senhorial.

Figura 1. Vendedora ambulante de acelgas e espinafre



Fonte: Anciens cris de Paris, século XVI (c.1500), fólio 5, prancha 4. Biblioteca nacional da França 817652, cote RES-EST-264. Disponível em: <https://images.bnf.fr/#/detail/817652/3>

Nas cidades medievais as mulheres concentravam-se principalmente nos ofícios têxteis, participando de todas as etapas da confecção artesanal, mas elas também estavam ligadas a diversas outras atividades produtivas. Elas atuavam como barbeiras e boticárias, participavam de trabalhos mais pesados, como a construção civil, a metalurgia e a carpintaria, e atuavam em profissões ligadas a alimentação, como açougueiras, padeiras, leiteiras, peixeiras, salsicheiras e queijeiras (MACEDO, 2002; ROFF, 2010). Além disso, comumente encontrava-se nas cidades mulheres como vendedoras de hortaliças e legumes, por vezes como trabalhadoras ambulantes, (Figura 1) um emprego deveras popular pela própria característica dos alimentos, demandados principalmente pelos grupos mais desfavorecidos (MARQUES, 1971), e pelas vulnerabilidades vividas por essas trabalhadoras.

A divisão do trabalho no meio urbano era acentuada e o desenvolvimento do artesanato e de outros ofícios cada vez mais especializados conduziu à formação das associações, mais conhecidas como corporações de ofícios. Comunidades juramentadas de auxílio mútuo, as corporações de ofício eram responsáveis pela autorregulamentação da profissão e pela assistência aos seus membros. Em geral, as corporações estruturavam-se em três segmentos sociojurídicos (mestres, aprendizes e assalariados), sendo a restrição do acesso ao mestrado uma tendência observada a partir do século XIII.

A maior parte das mulheres citadinas estava empregada nas oficinas artesanais, variando em vínculos de trabalho e tarefas – por exemplo, mão-de-obra familiar, artesãs independentes e trabalhadoras assalariadas. Um dos setores das corporações com acentuada presença feminina foi o de vestuário e artigos de luxo, com as mulheres atuando no trato com o cânhamo e a lã, no fabrico de bolsas e carteiras, e como bordadoras de seda. Inclusive, a corporação de peleiros de Basileia foi uma das primeiras associações a conceder direitos iguais a homens e mulheres em 1226. (OPITZ, 1993) Ainda que não estivessem reunidas em guildas específicas, muitas mulheres exerceram ofícios especializados e chegaram a assumir plenamente a condução de oficinas ou lojas, geralmente uma posição alcançada após a viuvez, que legava à mulher os mesmos direitos dos demais membros da guilda. No entanto, como argumenta Jacques Heers (1965), na maior parte dos casos as mulheres da indústria têxtil medieval, quer trabalhassem em oficinas ou em suas casas, tenderam a não possuir os próprios instrumentos de trabalho (panos, pentes, tesouras, fusos e rodas de fiar), compondo, assim, o conjunto da mão-de-obra empobrecida que dependia dos mestres artesãos.

As restrições relativas ao modelo corporativo, a concorrência em diferentes setores da produção artesanal e a disputa por trabalho, explicam em parte o aumento da hostilidade para com o trabalho feminino a partir do século XV, circunstâncias que resultaram em limitações e até proibições ao trabalho das mulheres, deslocando-as para o trabalho assalariado no quadro da indústria doméstica ou para condições de trabalhos mais vulneráveis. (OPITZ, 1993) Ademais, é possível notar que, em finais da Idade Média, persistia e, inclusive, fortalecia-se, tanto as condicionantes jurídicas sobre o sexo feminino, que reduziram o envolvimento político e a capacidade econômica das mulheres, como o ideal de boa mulher relacionado ao lar, sob autoridade masculina, com deslocamentos controlados e limitados nos espaços externos. (KLAPISCH-ZUBER, 1990). Expressando esse quadro, observa-se que mulheres ligadas a negócios alcoólicos – fabricação e venda de bebidas por exemplo –, que frequentavam tabernas, trabalhadoras domésticas e lavadeiras, eram constantemente tomadas como prostitutas e sexualmente suspeitas de práticas ilícitas, (KARRAS, 2004) demonstrando a força dos tabus sexuais e dos preconceitos contra as mulheres. No entanto, muitas mulheres desafiavam essas tentativas de normatização enquadramento. Na Inglaterra até quase o final da Idade Média as mulheres fabricavam e vendiam a maior parte da cerveja consumida. Somente a partir de 1350, os homens começaram a entrar no comércio e no final do século XV, a fabricação e venda de cervejas passaria a ser um negócio masculino. Mas observe-se que no século XIV, na cidade mercantil de Howden, por exemplo, mulheres solteiras, viúvas e mesmo casadas cujos maridos se encontravam distantes por motivos diversos (como trabalho em outra localidade) dominavam o ofício da fabricação de cerveja e controlavam o próprio negócio. (BENNET, 1996, p. 37 e 38).

A questão da dominação masculina sobre ofícios antes dominados por mulheres parece ter se dado no final da Idade Média em uma ligação estrita com a possibilidade de os homens terem maiores chances, possibilidades de estudo e financiamentos para desenvolverem novas técnicas e tecnologias que poderiam ser associadas aos seus campos, tal como na medicina. A introdução de novos métodos e de novos instrumentos nas práticas médicas facilitou o domínio de médicos homens sobre as curandeiras mulheres (BENNET, 1996, p. 78).

No campo da medicina, as mulheres se destacaram durante muito tempo. Pela prática, conhecimentos e formas de cura e cuidado, concorreram com físicos e terapeutas masculinos. Todavia, o surgimento das universidades e faculdades de medicina, restritas normalmente aos homens, geraram um corporativismo no ofício que foi excluindo cada vez mais as mulheres das

práticas médicas. O caso observado por Claudia Opitz (1993, p. 398) de Francisca, uma cirurgiã casada que conseguiu obter formação universitária e teve sua médica autorizada pelo duque da Calábria em 1321 seria uma das poucas exceções, que acabava só por confirmar a regra. Mas em regiões europeias nas quais a pressão dos acadêmicos era menor, algumas mulheres que exerceram a medicina tiveram grande reputação e clientela. Em Frankfurt, no século XV, por exemplo, há registro documental de ao menos 16 médicas, muitas das quais judias e em sua maior parte especializadas em doenças e cirurgias oftalmológicas (OPTIZ, 1993, p. 399).

A ginecologia e principalmente a obstetrícia eram campos que as mulheres dominavam, a presença de um médico masculino na cabeceira de uma parturiente era algo raro de se verificar. Por vezes, tinham formação médica rudimentar, mas amplo conhecimento empírico. As parteiras possuíam uma responsabilidade fundamental em seu ofício, ao lidarem com a questão de vida e morte de mães e bebês. Algo que se evidenciava no caso da decisão e da realização de uma cesariana (prática realizada na Idade Médica), o que podia implicar inclusive em culpabilizações judiciais. Alguns tratados de obstetrícia no período incluíam instruções específicas para as parteiras, o que supõe que pelo menos uma parte delas era letrada e tinha acesso a essas produções (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2011, p. 317).

Mas para além de atuações específicas, nos trabalhos em que as mulheres competiam com os homens, principalmente nas oficinas urbanas, acabavam trabalhando tanto quanto estes, mas ganhavam menos por sua condição feminina. O número maior de mulheres e o fato de sua mão-de-obra ser mais barata acabava gerando certa hostilidade dos homens, descontentes pela concorrência, o que levou corporações a tentarem restringir a contratação feminina. Além da exploração salarial, as condições de trabalho nas oficinas também eram precárias, em locais insalubres e durante muitas horas (MACEDO, 2002, p. 36).

Por esse breve panorama, percebemos o quanto os ofícios e ocupações femininas se diversificavam na sociedade medieval europeia. Muito distante do padrão do homem enquanto sujeito universal, pelo qual se poderia resumir o mundo do trabalho no campo e na cidade, visualizamos o quanto, por formações, condições e práticas distintas as mulheres se posicionaram e atuaram no universo dos labores. De médicas reconhecidas pelos poderes temporais a tecelãs que trabalhavam em oficinas insalubres durante horas a fio, as posições, condições, vivências e experiências dessas mulheres também não podem ser generalizadas e definidas no singular.

O trabalho feminino medieval em sala de aula

A partir das breves notas apresentadas, é possível perceber a variedade do trabalho feminino na sociedade medieval, especialmente no espaço urbano, assim como algumas condicionantes e implicações das clivagens sociais. Tendo como base tais informações, sugerem-se duas atividades didáticas para o trabalho com o tema no 6º ano do Ensino Fundamental, etapa da educação básica onde os conteúdos de História Medieval são obrigatórios. As atividades estruturam-se em torno do conteúdo preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e visam explorar os conhecimentos prévios dos estudantes e a interpretação de imagens e textos, desenvolver a escrita e a expressão oral e trabalhar as relações passado-presente e presente-passado.

Os estudos que se dedicaram a analisar a mulher medieval no ensino de história, concentraram-se, sobretudo, nos livros didáticos, demonstrando a dificuldade de os manuais incorporarem nos textos a diversidade dos papéis femininos na sociedade medieval, entre eles a inserção no universo do trabalho, por vezes se restringindo a apresentar o tema das mulheres no medievo em boxes explicativos desconexos da narrativa principal dos capítulos e restritos à exaltação de grandes personagens, com Christine de Pizan, Joana d'Arc e Hildegarda de Bingen (SILVEIRA, 2017; LIMA 2021; PINHEIRO, 2021). Partindo dessas contribuições historiográficas, o presente artigo optou por seguir uma via distinta, propondo atividades que exploram imagens e textos relacionados ao trabalho feminino, constituindo-se, desta maneira, como material complementar ao conteúdo dos manuais escolares e como sugestão de roteiro de trabalho docente.

Proposta 1. Mulheres nos canteiros de obras

Apresentação do conteúdo:

Desde o início do segundo milênio, as cidades da Europa medieval tornaram-se verdadeiros canteiros de obras, com as construções servindo de fator de atração populacional e como oferta de trabalho. Em geral, mesmo com a presença de ofícios especializados, o canteiro era um espaço com mão-de-obra numerosa, instável, desprotegida do sistema das associações corporativas e assimilada como mercadoria que se contratava por curto prazo, paga por dia ou

por tarefa. Tradicionalmente, os canteiros de obras foram considerados espaços masculinos, tanto nos ofícios especializados relacionados à edificação, como nos trabalhos menos qualificados e pesados. No entanto, as mulheres também ocupavam diferentes papéis relacionados à construção, sendo possível encontrar mulheres pobres e escravas contratadas como diaristas para trabalho manual, mulheres trabalhando com seus maridos e pais nos ofícios de construção e mulheres viúvas continuando as oficinas de seus maridos falecidos. Ademais, as mulheres também aparecem como fornecedoras de materiais de construção, como gesseiras e proprietárias de pedreiras, por exemplo. Apesar da inserção assinalada, a ideologia social do período reforçava a oposição ao trabalho feminino fora do lar, assim, a presença ou não das mulheres, direta ou indiretamente, nos canteiros de obras, variava significativamente conforme as condições sociais, existindo desde mulheres que trabalhavam dentro de oficinas familiares a mulheres que necessitavam empregar sua força de trabalho por jornadas diárias nas construções. De todo modo, tal como se evidencia com o trabalho feminino urbano em geral, do século XV em diante, conforme a regulamentação dos ofícios tornou-se mais complexa e restritiva, acompanhou-se o gradativo impedimento ao trabalho especializado feminino. Nesse quadro, a presença de mulheres nos canteiros continuou a ser observada, contudo, cada vez mais restrita ao trabalho não qualificado, com mulheres pobres e em situação de vulnerabilidade trabalhando como diaristas em busca da subsistência. (LE GOFF, 1992; ROFF, 2010)

Justificativa

A atividade aborda a presença da mulher numa situação de trabalho geralmente associada de modo exclusivo aos homens, a construção, demonstrando tanto a inserção das mulheres medievais nos canteiros urbanos como a diversidade de posições de trabalho exercidas pelas mulheres. Além disso, a atividade abarca um setor da economia importante para a sociedade medieval, a construção, e que permanece empregando um grande contingente de mão-de-obra na atualidade, tanto em vínculos de trabalho formal como em vínculos informais, tanto em empregos altamente especializados como em funções de baixa qualificação.

Objetivos:

Caracterizar o trabalho feminino na Europa medieval, em particular nas construções.

Analisar diferentes papéis das mulheres nas construções medievais.

Relação com a BNCC:

Unidade temática – Trabalho e formas de organização social e cultural.

Objetos de conhecimento – Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África); O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval.

Habilidades – (EF06HI16) Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos; (EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais.

Atividade:

- Apresente a imagem (Figura 2) aos estudantes. Trata-se de uma iluminura inserida no texto do século XV intitulado *Roman de Girart de Roussillon*. Concomitantemente, solicite que os estudantes façam a descrição da imagem. Algumas perguntas podem ser úteis para orientar a descrição: quantos personagens aparecem na cena? o que as mulheres estão fazendo? O que está sendo construído? Onde se passa a cena?

Figura 2. Mulheres trabalhando na construção



PONTA DE LANÇA

O *Roman de Girart de Roussillon* é uma canção de gesta do século XII, ligada à Matéria da Bretanha, que trata da lenda de Girart, nobre carolíngio do século IX, casado com Berte, que no texto é referenciada como filha do imperador romano. A lenda, com tons hagiográficos, descreve como Girart observa Berte e sua criada trabalhando à noite na construção da abadia de Vézelay. A cena, inicialmente tratada no texto como um ato de infidelidade marital em virtude das visitas noturnas da dama ao canteiro de obras, termina com Girart vendo Berthe com um halo de luz conduzindo a obra e sustenta a santidade da condessa.

Imagem: Girart observa Berte e sua empregada trabalhando na construção da igreja em Vézelay.

Fonte: Detalhe do *Roman de Girart de Roussillon*, Cod. 2549, fol. 167v, c.1448, Österreichische Nationalbibliothek, Vienna. Disponível em: <https://onb.digital/result/10FFC0F6>

- Em seguida, questione sobre a presença de duas mulheres na construção do edifício. Peça aos estudantes que comentem sobre o tema, refletindo sobre esse tipo de trabalho feminino, mesmo que os comentários apresentem apontamentos a partir da atualidade. Partindo do conhecimento prévio dos estudantes, essa é uma oportunidade para o professor explicar sobre a inserção das mulheres nas construções medievais, em variados postos de trabalho na sociedade atual e, em caso de comentários que verbalizem a ideia de que esse não é um trabalho para mulheres, o professor ainda pode aproveitar a atividade para problematizar e desconstruir tal perspectiva.

- A fim de aprofundar a reflexão, retorne à imagem e questione os estudantes sobre as vestimentas das damas. Peça que, a partir da imagem, tentem identificar as condições sociais das mulheres representadas. Ao notarem que a imagem trata de mulheres nobres, o professor pode explorar as diferentes inserções das mulheres nas construções medievais, problematizando como o estatuto social condicionava o tipo de trabalho exercido pelas mulheres. Nesse momento, é importante que o docente pontue que o maior contingente de mulheres nos canteiros de obras era de mulheres exercendo trabalhos menos qualificados, pesados e, conseqüentemente, com remuneração pior. Ademais, o professor pode explicar que a imagem está relacionada a um texto com características hagiográficas (tipo de texto acerca da vida de um santo) que promovia a santidade da condessa Berte ligada à construção da abadia de Vézelay, e por essa circunstância coloca uma nobre construindo o edifício com as próprias mãos.

Avaliação

No intuito de sistematizar os conhecimentos da aula, peça aos estudantes que escrevam no caderno ou em uma folha sulfite sobre os diferentes papéis das mulheres nos canteiros de obras

medievais. Também é possível solicitar que essa escrita seja ampliada e os estudantes elaborem breves redações sobre o tema.

Duração

- 1 hora/aula.

Recursos

- Projetor para exibição da imagem.

- Cadernos dos estudantes ou folhas sulfite.

Proposta 2. Ofícios de mulheres no Portugal medieval, hostilidades e legislação régia

Apresentação do conteúdo:

Ao longo da Idade Média mostrou-se necessário o controle e normatização das atividades econômicas nos meios urbanos, seja por autoridades municipais ou régias e principescas. Em Portugal, documentos como os livros de posturas municipais dos séculos XIV e XV, bem como as ordenações jurídicas dos reis D. Duarte e D. Afonso V (estabelecidas a partir do século XV) evidenciam essa preocupação e seu registro. Tais documentos revelam também a aptidão das mulheres em alguns ofícios e atividades comerciais, muitas vezes ligados ao comércio alimentar (como fruteiras, padeiras, regateiras, peixeiras) e de vestuário (por vezes tendo as próprias tendas legalizadas ou pertencentes ao rei). As ocupações das mulheres as levavam a transpor o meio privado e adentrar o domínio público, afastando-as também de atividades domésticas e familiares (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2011, p. 313-315). Por vezes, esse afastamento do mundo privado e o trabalho junto a meios masculinos, como seria o caso de mulheres que vendiam alimentos, cozinhavam e lavavam para clérigos poderia ser visto com maus olhos e mesmo associado a uma condição promíscua, apenas pela convivência entre os dois sexos no mesmo ambiente. Isso se evidencia inclusive no corpo jurídico que mencionamos, como as Ordenações Afonsinas.

Justificativa

A atividade abordará a presença de mulheres em ofícios diversos executados junto a espaços masculinos, especificamente o clerical. Pretende-se refletir sobre as atividades exercidas pelas mulheres nesses domínios, bem como sobre como se formou um imaginário e uma representação negativa da presença feminina nesse contexto, algo que veio a impactar o trabalho e a vida dessas mulheres. Por fim, por meio da análise de uma legislação régia sobre a questão, buscar-se-á levar os alunos a refletir sobre como a autoridade legal do rei atuou como mediadora da questão, normatizando-a.

Objetivos:

Analisar diferentes ofícios e trabalhos femininos tendo como exemplo Portugal medieval.

Analisar a relação entre práticas de trabalho feminino, imaginário e representações sobre as mulheres no mundo do trabalho e a prática legislativa em torno dessa questão no mundo medieval.

Relação com a BNCC:

Unidade temática – Trabalho e formas de organização social e cultural.

Objetos de conhecimento – Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África); O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval.

Habilidades – (EF06HI16) Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos; (EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais.

Atividade:

- Apresentar e ler junto com os alunos o trecho documental dado na sequência, referente a uma lei retirada das *Ordenações Afonsinas*. Antes disso, explicar que as ordenações foram organizadas no reinado de D. Afonso V, rei de Portugal no século XV, que buscou através do

mecanismo da compilação das leis decretadas (nos reinados dele e anteriores) gerir com maior controle o reino.

Referência:

ORDENAÇÕES Afonsinas. 5v. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. v. V, tít. CXXI, p. 409-414.

Obs.: Apresentamos a seguir uma tradução e adaptação livre do trecho referenciado das *Ordenações Afonsinas*, visando sua transposição didática para o trabalho com os estudantes, considerando a idade e o nível de ensino.

- Trecho documental a ser trabalhado com os alunos:

Da Declaração das Leis sobre as Barregãs dos Clérigos

Dom Afonso pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve e senhor de Ceuta. A quantos essa carta vierem saber, que nos livros da nossa chancelaria das ordenações, é escrita uma ordenação da qual o teor dela é este, que se segue adiante:

Dom João, meu avô [...], considerando o grande pecado que viviam os clérigos naquele tempo, tendo mulheres por barregãs (amantes) e filhos com elas, fez uma lei na qual ordenou que as barregãs dos clérigos (as que fosse provado que viviam com eles em pecado) tivessem pena de degredo e pagassem certo dinheiro da prisão [...].

E ora andando por nossos reinos, vieram a nós muitos clamores e reclamações de todo o clero, dizendo que o que foi feito por nós e pelos reis nossos antecessores, com boa intenção, estava sendo usado indevidamente por alguns meirinhos, alcaides e juízes¹ e outros moradores de nossos reinos. Movidos pela cobiça, faziam mal e davam grandes punições a quaisquer mulheres que faziam serviços aos ditos clérigos, a saber, em lhes amassarem pão, cuidarem de suas doenças e na velhice, lavarem roupa, ou fazerem comida para eles, em outros semelhantes serviços. Por ganância e pelo dinheiro que queriam pegar dessas mulheres, prendiam-nas sem que essas pudessem se defender ou que tivessem provado que elas tinham alguma afeição ou viviam em pecado com os clérigos. Tendo-as em prisões prolongadas, desrespeitando-as e difamando-as, sem pena alguma, ainda que não tivessem provado a acusação. Isso ocorria de tal forma, que os ditos clérigos não conseguiam mais encontrar mulheres que fizessem serviços para eles, serviços esses que em geral costumam ser feitos apenas por mulheres em nossos reinos. [...]

¹ Explicar para os alunos sobre essas profissões ligadas à justiça.

Pedindo os clérigos por favor que resolvêssemos esse problema, declaramos que as antigas Ordenações, foram feitas contra as barregãs dos clérigos e não contra as mulheres que por honestos serviços fazem seu dinheiro.[...]. E nos, vendo o que assim diziam e pediam, sabendo que alguns meirinhos, alcaides e outras pessoas de nossos reinos usavam as ditas Ordenações como não deviam, prendendo, soltando e desrespeitando muitas mulheres somente por fazerem algum serviço aos clérigos, [...] querendo isto resolver, como pertence à nossa Real Dignidade, declarando sobre as ditas Ordenações, mandamos que nenhuma mulher seja presa, nem seja feito nenhum mal, por ter se dito que ela faz algum dos serviços ditos ou outro serviço honesto aos clérigos. [...] Isso se ela viver em casa separada e honestamente, salvo se ficar provado que ela é de fato barregã de clérigo [...]. E não sendo isso provado, mandamos que ela seja logo solta, e que a pessoa que a acusou maliciosamente seja preso e da cadeia pague a dita mulher mil reis pela injúria que recebeu por ser assim presa e difamada.

Do mesmo modo, como há alguns clérigos muitos velhos, que passam dos sessenta anos ou mais, os quais necessitam para manter a vida de cuidados e serviços contínuo de alguma mulher, que não sejam humanamente tolhidos disso. [...] Queremos e outorgamos que em tal velhice os ditos clérigos possam ter em casa consigo mulheres honestas, que passem da idade de 50 anos, [...] para continuamente os servirem e tratarem de suas dores e enfermidades sem temor de pena alguma [...].

E assim, com a graça de Deus, esperamos que as ditas Ordenações, com a dita declaração e adição por nós feitas, sejam executadas e cumpridas.

- O trecho documental deve ser lido devagar, mas com pausas ou por partes, para não se tornar cansativo aos alunos. Termos e expressões não habituais para os estudantes podem ser explicados nesses momentos também.
- Após realizar a leitura em conjunto, o professor deverá questionar primeiramente aos alunos sobre do que se trata a lei, pedindo para descreverem o que D. Afonso V ordenou a partir dela, analisando quais foram as percepções prévias dos estudantes. Direcionar cuidadosamente a questão da polêmica em torno da presença das mulheres junto aos clérigos, tendo em conta a questão do celibato clerical no período e de acordo com as normas da Igreja Católica vigentes.
- O professor deve em seguida questionar que personagens estão envolvidos no tema da ordenação do rei, objetivando aqui perceberem a centralidade das mulheres e de seus trabalhos, para além dos clérigos, do próprio rei e de figuras como os meirinhos e juízes.
- Na sequência, o professor deverá pedir aos alunos para falarem e anotarem junto com ele quais são os trabalhos/serviços executados pelas mulheres na descrição da lei pelo rei. Os alunos deverão pontuar e o professor poderá depois direcionar a menção aos serviços de fabrico do pão, lavanderia, preparo de alimentação, cuidados de saúde e com idosos.

- Trabalhar com os alunos o trecho em que o rei menciona serem esses serviços feitos apenas por mulheres no reino português. Questionar se estes serviços ainda hoje costumam ser feitos e vistos como apenas de mulheres, inclusive no Brasil. Problematicar de acordo com as respostas dos estudantes.
- Analisar o imaginário negativo em torno do trabalho feminino (o problema de a mulher não estar em casa, de a mulher estar sozinha junto de um homem e não ser casada com ele, etc.) e como podiam ser cometidas injustiças, abusos e explorações contra as mulheres a partir desse imaginário.

Avaliação

Para sistematizar a discussão feita em aula, os estudantes devem escrever em seus cadernos ou em uma folha avulsa um pequeno texto abordando:

- Os serviços/trabalhos executados por mulheres descritos pelo rei D. Afonso V em sua lei.
- Se estes serviços eram considerados masculinos ou femininos apenas na época e como hoje essas funções são consideradas em nossa sociedade (o que mudou e o que não mudou).

Duração

- 1 hora/aula.

Recursos

- Cópias do trecho da fonte documental a ser fornecido para a turma, projetor para exibição do trecho documental.
- Cadernos dos estudantes ou folhas sulfite/almaço.

Considerações finais

*Lata d'água na cabeça
Lá vai Maria, lá vai Maria
Sobe o morro e não se cansa
Pela mão leva a criança
Lá vai Maria
Maria lava a roupa lá no alto
Lutando pelo pão de cada dia
Sonhando com a vida do asfalto
Que acaba onde o morro principia.*
(Lata d'água, Luiz Antônio e Jota Júnior, 1952)

O samba “Lata d’água”, sucesso no carnaval carioca de 1952, foi inspirado na história de Maria Mercedes Chaves, conhecida como *Maria lata d’água*, passista que desfilava com uma lata em sua cabeça representando uma prática comum no cotidiano das periferias e dos morros da capital e da rotina do trabalho feminino nas cidades brasileiras de meados do século XX. Em sua luta pelo pão de cada dia, compartilhada com outras tantas ‘Marias’, o exemplo de Maria lata d’água comunica-se com experiências de diferentes sociedades, lembrando-nos da importância do trabalho feminino como objeto de reflexão.

Como indicado no início do artigo, o contexto atual reafirma a urgência de temas como a valorização feminina, o combate ao feminicídio e aos preconceitos de gênero, pautas que abarcam diferentes áreas da sociedade, entre elas a educação. Apesar disso, os manuais escolares e as aulas de História, foco da presente reflexão, permanecem explorando pouco o protagonismo feminino ao longo do tempo, experiências que, em diálogo com o tempo presente, podem contribuir para a mudança social. Nesse sentido, procuramos explorar a habilidade EF06HI19 preconizada pela BNCC a fim de descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres nas sociedades medievais, oferecendo uma abordagem panorâmica sobre o tema, em diálogo com a historiografia especializada e atual, e demonstrando a potencialidade de se pensar o trabalho feminino como um tema relevante da investigação historiográfica e de estudo nas salas de aula da educação básica.

Com este panorama sobre a questão do trabalho feminino, suas formas e condições para as mulheres na Idade Média, buscamos atentar para a diversidade que se relaciona intrinsecamente ao tema. Afastando-nos das generalizações, nosso intento foi pontuar tanto a questão da *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 16, n. 30, jan. - jun. 2022. ISSN: 1982 -193X*

presença feminina no mundo do trabalho medieval quanto a sua multiplicidade, levando em consideração a diversidade entre essas mulheres, de suas condições sociais e formações para os ofícios, além da própria variedade de trabalhos que exerceram.

Em seguida, propusemos a articulação desse panorama com a questão do ensino de História e concentramo-nos em refletir sobre como podemos trabalhar a temática em sala de aula, partindo da Base Nacional Comum Curricular (2018). Por meio de imagem e texto, e de dois tipos de fontes documentais, propusemos duas atividades para o 6º Ano de Ensino Fundamental, as quais desejamos que possam auxiliar os professores do Ensino Básico em suas práticas, quando do trabalho com o componente curricular ligado à Idade Média.

Mesmo com adversidades, riscos e depreciações, as mulheres de diferentes estratos e pertencimentos identitários trabalharam na Idade Média, assim como mulheres muito diversas trabalham nos dias de hoje, nas mais variadas condições. Importa para o ensino de História e para o ensino de Idade Média não apenas refletir sobre o conhecimento do medievo em si e por si, mas sim, para percebemos o quanto esse conhecimento possui significado para nós no presente (bem como quais significados possui) e para as questões que vivemos no presente. Devemos analisar o quanto esse conhecimento pode nos ajudar a pensar e a construir caminhos mais dignos, justos e éticos para homens e mulheres de agora e de amanhã. Nesse caminhar, o ensino é uma chave fundamental.

Referências

BENNETT, Judith M; KARRAS, Ruth M. Women, Gender and Medieval historians. In: BENNETT, Judith M.; KARRAS, Ruth (org.). **The Oxford Handbook of Women and Gender in Medieval Europe**. Oxford: Oxford University Press, 2013, 1-17.

BENNETT, Judith. **Ale, Beer and Brewsters in England**. Women's work in a changing world-1300-1600. Oxford/New York: Oxford University Press, 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2018.

BROCHADO, Cláudia Costa; DEPLAGNE, Luciana Calado (org.). **Vozes de mulheres na Idade Média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

CAIMI, Flávia Eloisa. O livro didático de história e suas imperfeições: repercussões do PNLD após 20 anos. In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Sousa (org.). **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017, p.33-54.

CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2021.

HEERS, Jacques. **O trabalho na Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

KARRAS, Ruth. Women's labors: reproduction and sex work in medieval Europe. **Journal of Women's History**, vol. 15, no. 4, 2004, p. 153-158.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. **A mulher e a família**. In: LE GOFF, Jacques (dir.). **O homem medieval**. Lisboa: Presença, 1990, p. 193-208.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. O novo já nasce velho: a Idade Média pós-BNCC e a questão da mulher medieval nos livros didáticos do Guia PNLD-2020. **Brathair**, 21, 1, p.216-245, 2021.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2002.

MARQUES, Antônio H. de Oliveira. **A sociedade medieval portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa editora, 1971.

MISTURA, Letícia; CAIMI, Flávia. O (não) lugar da mulher no livro didático de história: um estudo longitudinal sobre relações de gênero e livros escolares (1910-2010). **Aedos**, Porto Alegre, v. 7, n.16, p. 229-246, jul. 2015.

OLIVEIRA, Ana Rodrigues; OLIVEIRA António Resende de. A mulher. In: José MATTOSO (Dir.); VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo de (Coord.). **História da Vida Privada em Portugal**. A Idade Média. Lisboa: Temas e Debates, 2011, vol. 1, p. 300-323.

OPITZ, Claudia. O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das mulheres**. Volume 2: A Idade Média, sob direção de Christiane Klapish-Zuber. Porto: Afrontamento, 1993, p.353-435.

ORDENAÇÕES Afonsinas. 5v. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. V. 5.

PINHEIRO, Mirtes Emília. Desafios e perspectivas: o enfoque sobre o feminino medieval no ensino fundamental. In: VIANNA, Luciano (org.). **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI**: experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 19-50.

ROFF, Shelley. Appropriate to her sex? Women's participation on the Construction Site in Medieval and Early Modern Europe. In: EARENIGHT, Theresa (ed.). **Woman and Wealth in Late Medieval Europe**. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 109-134.

SCARANCE, Valéria. Violência contra a mulher: um desafio para o Brasil. In: **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: FBSP e Instituto de Pesquisas Datafolha, 2019, p.25-29.

SILVEIRA, Marta de Carvalho. A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.80-107, 2017.

SOARES, Vera. Políticas públicas para igualdade: papel do Estado e diretrizes. In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da (org.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p. 113-126.

Recebido em 15- 04- 2022

Aprovado em 15 - 06 - 2022

Publicado em 25-07- 2022